

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT15.004

AS RELAÇÕES ENTRE AUTOR E PERSONAGEM E AUTORREFERÊNCIA NA FIGURA DO AUTOR: UMA ANÁLISE DE MACANUDO I

Anna Paula Aires de Souza ¹
Kaio César Pinheiro da Silva ²
Elis Regina Guedes de Souza³
Anderson Gadelman Fagundes Barreto Silva ⁴

RESUMO

A autorreferência é um traço frequente nas literaturas contemporâneas, apesar de ser um recurso que não é novo no campo literário. Logo, a autorreferencialidade se põe em um lugar de limites entre o que é considerado ou não literatura, o que Ludmer (2010) afirma ser o “atravessar fronteiras”, isto é, estar simultaneamente dentro e fora do que se entende por literário. Um dos aspectos que apontam para a figura do autor em Liniers é o fato – anteriormente citado – dele se desenhar com cabeça de coelho. Nas palavras do próprio Liniers acerca dessa relação entre seu eu autor e o personagem que cria com a mesma identificação. Essa confusão entre o que é ficcional e real é uma das características das escritas de si que, por sua vez, estão presentes nos quadrinhos aqui estudados. Logo, nesse artigo analisaremos as referências relacionadas ao autor no Macanudo I, considerando como aporte teórico os textos de Klinger (2006), Ludmer (2010) e Queiroz (2017) que tratam respectivamente das narrativas contemporâneas, da escrita de si e das narrativas

1 Mestre do Curso de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, paulaaires1@gmail.com;

2 Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG profkaioczar@gmail.com

3 Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, elis.gds19@gmail.com

4 Especialista pelo Curso de Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa da FAMASUL, gadelman1403@gmail.com

gráficas, em especial, as de Liniers. Nesse sentido, nossa pesquisa se organiza a partir de um recorte teórico conceituando as escritas autorreferenciais e, posteriormente, a análise da obra supracitada.

Palavras-chave: Macanudo, Liniers, Autorreferência.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – ESCRITAS DE SI E AS RELAÇÕES COM AS NARRATIVAS GRÁFICAS

O termo escritas de si, utilizado por Klinger (2006), é fundamentalmente usado para tratar das narrativas contemporâneas, em especial, de romances cujo eixo norteador – citando Mariconi – é autoexposição e/ou espetacularização do autor por meio de sua presença autobiográfica, em textos de cunho ficcional, de forma que os discursos situam-se no entremeio do real e do ficcional.

As escritas de si, por sua vez, estão atreladas ao processo de espetacularização da figura do próprio autor. Desse modo, no que se refere à espetacularização da imagem do autor, podemos analisar a partir do entendimento de Barthes (2004, p.3). O autor defende que no cenário da literatura contemporânea, este não se encontra diminuído “[...] como uma figurinha lá ao fundo da cena literária nem tampouco restrito a função-autor proposta por Foucault (2006), mas como um “sujeito midiático”, “um retorno do autor”. Pautada nos estudos de Foster, Diana Klinger argumenta que esse “retorno do autor” é simultâneo ao “retorno do real”, dando continuidade “[...] à crítica do sujeito, mostrando sua inacessibilidade” (Klinger, 2006, p.39). Portanto,

[...] o retorno do autor seria uma crítica ao recalque modernista do sujeito da escrita. Porém não seria o retorno de um sujeito pleno no sentido moderno, mas haveria um deslocamento: nas práticas contemporâneas de “literatura do eu” a primeira pessoa se inscreve de maneira paradoxal num quadro de questionamento da identidade.

Sendo assim, ainda segundo Klinger (2006, p.47), o termo autoficção é suficiente para dar conta desse retorno do autor, por problematizar as noções de referência e ficção. Para a autora, Leonor Arfuch defende que o espaço midiático contemporâneo, especialmente por meio da entrevista – voz e corpo “ao vivo” – oferta uma prova, qualificada enquanto irrefutável, acerca tanto da existência quanto da inexistência do “autor real”, que deixa suas marcas na escrita, mas também não quer renunciar à sua supremacia.

O retorno do autor se daria, então, em correlação com a produção de efeitos de realidade. Logo, na autoficção esse efeito de real quebra a ideia de ficcionalidade, ultrapassando suas barreiras (Klinger, 2006). E essa ruptura de fronteiras é uma das marcas da literatura contemporânea salientada por Ludmer (2010).

Para Klinger (2008, p.13), “[...] essas obras se situam além do paradigma moderno das letras, baseado em narrativas autônomas em relação à figura do autor e na busca de uma linguagem literária claramente diferenciada da cultura de massas”. Nesse sentido, a própria autoficção expande o campo literário, na medida em que há nela uma “[...] falta de rigor conceitual” (Noronha, 2014) que gera algumas dificuldades, tais como “[...] a indecidibilidade, a questão das denominações genéricas, a problemática das instâncias do discurso [...] e as diferentes acepções do próprio termo ficção” (Noronha, 2014, p. 15). Essa falta de rigor, de enquadramento, também é uma das características das narrativas contemporâneas, que, por vezes, alargam o campo narrativo e que estão atreladas à construção de sentidos dentro dos textos, constituindo-se tanto em potências referenciais quanto numa via para a construção de uma literatura fora de si.

Em relação à *Macanudo*, apesar de não se tratar de um romance, as narrativas gráficas de Liniers apresentam também esse aspecto autoficcional em suas escritas, uma vez que, a figura do autor sempre está presente, seja na sua relação de diálogo com os personagens, na metalinguagem dos quadrinhos ou na autoexposição do autor, representado por um coelho, ou pela figura do chefe, por exemplo.

A autora afirma que o grande avanço da cultura midiática é um dos movimentos que fazem do espaço contemporâneo um espaço privilegiado para a proliferação de escritas de si, pois é nele que há uma produção crescente do privado e de sua visibilidade, da espetacularização do que é íntimo e da lógica de celebridade, manifestado através de uma ênfase no que é autobiográfico.

Um dos aspectos que apontam para a figura do autor em Liniers é o fato – anteriormente citado – dele se desenhar com cabeça de coelho. Nas palavras do próprio Liniers acerca dessa relação entre seu eu autor e o personagem que cria com a mesma identificação, ele explica que: “Yo soy el conejo, pero no lo soy. Una mentira más de los medios que como siempre nos mienten”. E continua: “Me daba vergüenza dibujarme a mí mismo. Por eso me dibujo como conejo”. Essa confusão/embaralhamento entre o que é ficcional e real é uma das características das escritas de si que se manifesta em *Macanudo* pela mescla

entre autor e obra. Liniers explica a origem de sua autorrepresentação através do coelho:

“Hace cuatro o cinco años me invitaron a un viaje a Berlín, era un intercambio de artistas. Iban escultores, fotógrafos, pintores. (...) Básicamente, llegué a Berlín, al aeropuerto con los artistas – artistas en serio y yo–, y cada uno de nosotros tenía que hacer una obra – porque los artistas hacen obras–, sobre lo que Berlín les significaba, qué era Berlín para ellos. A mí me tocó primero. Y yo había estado un día en Berlín, todavía Berlín no era mucho. Hice una historietita en donde contaba que había ido del aeropuerto al lugar donde vivía, y que había visto un zapato arriba de un auto –porque no me habían pasado muchas cosas todavía, pero el zapato se ve que se me quedó en la cabeza–, y que daban Baywatch en alemán. [Risas] Era pésima la historia. Entonces para ponerle un poco de gracia, total los alemanes mucho no entendían, me dibujé como un conejo. Porque en el mundo del arte hacer cosas que no se entienden está muy bien visto. [Risas] A la altura de las circunstancias, me dibujo como un conejo. Y como son artistas, nadie te pregunta. [Risas] Todo el mundo saca sus conclusiones y nadie te pregunta”. (PZ, 2008).

Na citação acima, o autor narra uma situação em que deveria produzir obras (pois é isso que os artistas fazem) acerca de sua experiência em Berlim. Ele, em sua primeira vez na cidade, criou uma história em quadrinhos (gênero a que ele se dedica em suas produções artísticas) e como a achou sem graça colocou a si mesmo como um coelho, considerando que, nas palavras do autor, “[...] no mundo da arte devem-se fazer coisas que não se entendem muito bem”. Na fala de Linieres podemos perceber dois movimentos que o colocam enquanto autor no centro da narrativa: o primeiro, criando uma história acerca de uma experiência própria em Berlin e o segundo, colocando-se também enquanto personagem, mesmo que personificado dessa história.

Sendo assim, considerando *Macanudo* a título de exemplo, a autorreferência é um traço frequente nas literaturas contemporâneas, apesar de ser um recurso que não é novo no campo literário que, na narrativa em questão, também compõe a obra de Liniers e a simbologia nele construída através da associação da imagem do autor a própria criação artística.

Logo, a autorreferencialidade se põe em um lugar de limites entre o que é considerado ou não literatura, o que Ludmer (2010) afirma ser o “[...] atravessar fronteiras”, isto é, estar simultaneamente dentro e fora do que se entende por literário. A autora evidencia que a literatura contemporânea ultrapassa as

fronteiras do livro como objeto físico, além de superar categorias de classificação literária que não mais conseguem abarcar essas novas noções. Para tanto, a autorreferencialidade aparece como uma dessas formas fronteiriças citadas pela autora. A busca pelas referências através do recorrente uso de escritas biográficas e/ou autobiográficas é algo que ocorre em todos os níveis da mídia. No que diz respeito à produção literária existe uma profusão de narrativas do “eu” que vão desde histórias de pessoas famosas até narrativas de ordem mais complexa, perpassando também pelas narrativas gráficas, como podemos verificar.

Para tanto, nesse artigo analisaremos as referências ao autor no *Macanudo I*, considerando como aporte teórico os textos de Klinger (2006), Ludmer (2010) e Queiroz (2017) que tratam respectivamente das narrativas contemporâneas, da escrita de si e das narrativas gráficas, em especial, as de Liniers.

ASPECTOS REFERENCIAS EM MACANUDO I

Liniers é um quadrinista argentino cuja maior e mais reconhecida obra é *Macanudo*, uma tira cômica que é publicada desde 2002 no *La Nación*. Ainda que não seja formada por personagens fixos, as tiras retratam alguns que se repetem com frequência como a própria personagem do coelho – representando o autor; Olga, Enriqueta, Fellini e seu urso Madariaga; pinguins; duendes, Z-25, el robo sensible, entre outros. Na concepção de Queiroz (2017, p.121):

Liniers utiliza-se do jogo do texto para fazer a transposição desses elementos externos para os internos. No entanto, somente essa conexão regular entre autor, obra e público é capaz de estabelecer esse tipo de jogo narrativo, já que, caso não fossem publicadas no dia a dia, as tiras não estabeleceriam tal popularidade a ponto de permitir a comercialização dos brinquedos e, conseqüentemente, a exploração do autor desses objetos dentro da narrativa gráfica.

Essa conexão entre autor, leitor e obra se estabelece e se reflete em uma narrativa marcada pela autoficcionalidade e pela exposição e, conseqüente, espetacularização da figura do autor. Nesse sentido, para com objeto de nossa análise elegemos *Macanudo I*, uma vez que, trata em suas tiras esses elementos referenciais tanto a narrativa quanto em relação à figura do autor. Para tanto, analisaremos respectivamente as tirinhas aqui dispostas a partir de três categorias: a primeira na perspectiva de metanarrativa, a segunda das relações entre autor e personagem e a última da representação do autor nos quadrinhos.

Figura 1: Tira de *Macanudo I*



Fonte: Linieres, 2004

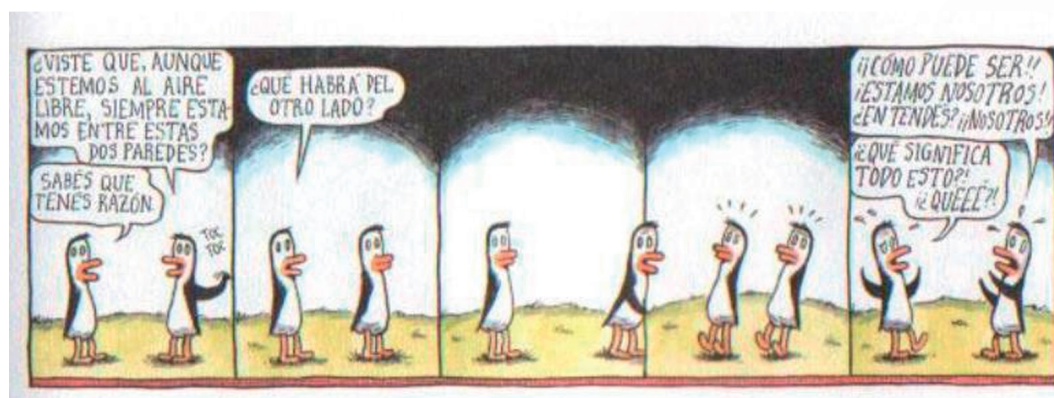
No primeiro caso, as autorreferências são a própria narrativa, construindo-o a partir da metalinguagem. A tirinha que introduz *Macanudo I*, por exemplo, trata de referências ao lançamento do próprio *Macanudo* através de uma apresentação formal, ironizada inicialmente pela recepção pomposa (mundial, mas, aparentemente, sem ninguém) a tira – marcada pela presença do apresentador, do palco, das cortinas – em contraste com a falta de recursos salientada pelo pinguim e evidenciada pelas imagens como a falta coreografia a ser apresentada e os fogos de artifícios representados por uma pequena bomba somados ao possível fracasso constatado pelo choro do apresentador que é consolado pela figura do pinguim.

Análogo a essa análise, consideramos o que Queiroz (2017) argumenta acerca da ficcionalidade presente na narrativa. Segundo o autor, a ideia de que essas narrativas se restringem ao mundo da ficção sendo, desse modo, completamente afastado do nosso, não se aplica a *Macanudo*, uma vez que os quadrinhos se estabelecem na zona fronteira entre o real e o ficcional através do processo de escrita de si e da abordagem de questões atuais.

Na segunda tirinha, os pinguins conversam sobre o mundo que os cerca e o privilégio de estar ao ar livre – constatado pela presença do céu, da natureza – e nessas divagações percebem que paradoxalmente mesmo estando ao ar livre sempre estão presos entre “duas paredes”, as paredes referentes ao quadrinho, aspecto típico das narrativas gráficas, referindo-se também aos processos de

escrita e de construção dessas narrativas, refletindo assim a metaficcionalidade, em que há um questionamento acerca das estruturas do próprio gênero narrativo. Destacamos ainda que no campo da referencialidade, o questionamento das personagens em relação à estrutura narrativa aproxima-se de uma referência ao Mito da Caverna, de Platão, só que, no caso, associado ao processo de produção narrativa, metaforizado nas estruturas do próprio gênero “histórias em quadrinhos”, tanto pela escrita quando os pinguins se questionam acerca do que está do outro lado quanto pelo cenário que forma o quadrinho, o simulacro de uma caverna.

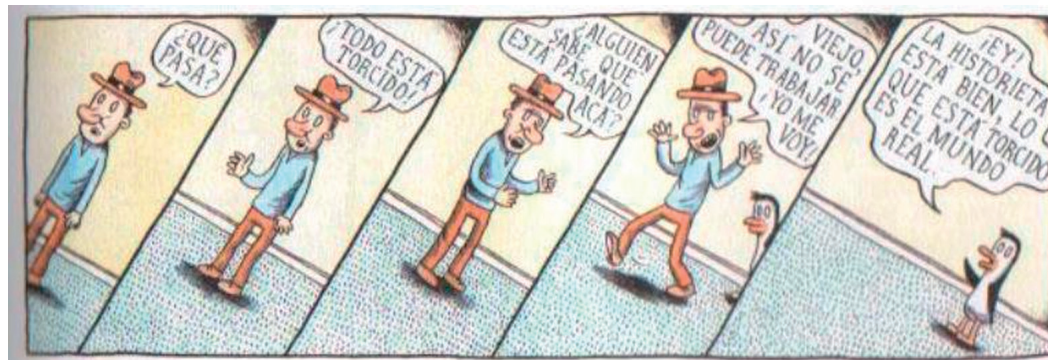
Figura 2: Tira de *Macanudo I*



Fonte: Linieres, 2004

A terceira tira refere-se ao formato em que os quadrinhos estão dispostos, no caso, em diagonal, e no personagem bem como os pinguins acima questionando-se sobre o processo de organização da própria tirinha em que está inserido, pondo-se como um empregado, cujo “trabalho” o impossibilita de trabalhar. O pinguim, por sua vez, responde as reclamações do outro personagem afirmando que não é a tirinha que se encontra torcida, mas o mundo real, fazendo assim uma crítica a questões sociais que estão fora da tirinha. Há ainda que destacar a presença do leitor na construção de sentidos da tira, considerando que o personagem se utiliza da não-transacionalidade para atingir quem está de fora dos quadros típicos do gênero. Para Lser (1979, p.105-106), autor, texto e leitor são interligados em uma relação cujo processo está em andamento produzindo algo que antes inexistia. Na perspectiva de Lser, “esta concepção do texto está em conflito direto com a noção tradicional de representação, à medida que a mimesis envolve a referência a uma realidade pré-dada, que se pretende estar representada”.

Figura 3: Tira de *Macanudo I*



Fonte: Linieres, 2004

Na figura 4, Liniers refere-se tanto ao processo de feitura da tirinha como a relação desse processo com o autor, uma vez que desenha uma personagem feminina que critica o personagem masculino por não conseguir fazer nada até o final. Essa crítica da personagem é comprovada na própria elaboração da tirinha que começa com todas as cores e personagens desenhados e aos poucos vai se evidenciando um processo de desleixo na elaboração dela, culminando em um esboço que cala as críticas da mulher ao mesmo tempo que as confirma.

Figura 4: Tira de *Macanudo I*



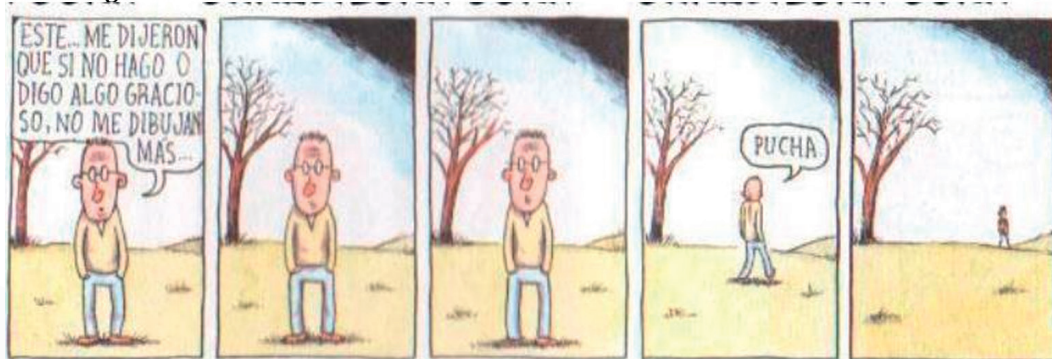
Fonte: Linieres, 2004

Queiroz (2017, p.48), assinala que ao assumir o discurso metalinguístico, Liniers retrata os elementos que compõem aquela narrativa gráfica e que, por sua vez, estão inerentes a leitura, esquecendo-se um pouco dos universos e temas que comumente trata.

A característica atribuída ao personagem da trama também pode ser deslocada para caracterizar o autor, que começa a tira com a imagem-arte finalizada e aos poucos vai regredindo em seu trabalho, até apresenta-la inacabada, inclusive impossibilitando ao público ler o último balão de fala. No sentido inverso da leitura, apresenta-se ao leitor, as etapas de produção de uma narrativa gráfica.

O segundo aspecto analisado, por sua vez, é a presença referencial do autor – ou a falta dela – relacionada com as personagens. Logo, a tira 5 demonstra a figura desse autor, justamente pela falta – silenciamento – dele. Uma vez que os personagens o chamam e ele não os contesta. Ao mesmo tempo, há um processo de transposição de responsabilidades em que o personagem assume a atribuição de gerar entretenimento/humor, afastando essa responsabilidade do autor ou mesmo, em uma segunda possibilidade, unindo-o a própria figura de Liniers, considerando que, nesse caso, eles seriam inseparáveis.

Figura 5: Tira de *Macanudo I*



Fonte: Linieres, 2004

Figura 6: Tira de *Macanudo I*



Fonte: Linieres, 2004

Nas tiras acima apresentadas é acionada a figura do autor pelo dispositivo de fala dessas personagens, no entanto ele não aparece. Assim, o personagem demonstra-se insatisfeito com a falta de humor que prevalece naquele seu quadrinho –responsabilidade criativa do autor - e sem obter resposta vai embora. No caso específico da figura 6, a personagem atua a partir de uma conversa com Liniers (que não aparece nos quadrinhos), queixando-se de uma dor, um torcicolo, o autor, por sua vez, responde ironicamente à fala do duende ao simplesmente utilizar um recurso gráfico, de organização da tirinha, para solucionar o problema “físico” da personagem: mudando a orientação do quadrinho e deixando-o na diagonal. Pela expressão facial do duende, inferimos a insatisfação em relação à resolução de sua queixa.

Figura 7: Tira de *Macanudo I*



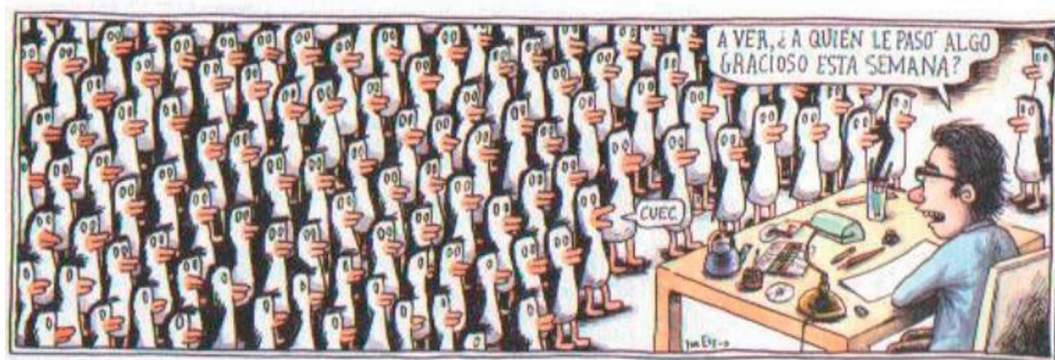
Fonte: Linieres, 2004

Por fim, o último aspecto apresentado é a representação do autor seja tão somente por sua voz narrativa dentro das tiras ou por sua presença como personagem. No caso das tiras apresentadas nas figuras 6 e 7, o autor aparece como uma voz narrativa, que no primeiro caso apesar de ali estar presente e de perguntar o que acontece com o duende, não atende a solicitação por ele feita, ou ao menos, não do modo desejado, tendo em vista que diante da reclamação de torcicolo feita pelo duende, seguido do pedido de ajuda ao próprio Liniers – autor de *Macanudo*, ou seja, uma referência clara a figura rela do autor – o autor/narrador/personagem (invisível) responde de um modo incomum e que referencia e modifica a estrutura gráfica dos quadrinhos a fim de resolver o problema, colocando-o (o quadrinho) em uma posição diagonal que supostamente consertaria o problema do pescoço na perspectiva do autor, mas não no da personagem evidenciado por sua cara de desagrado.

Já a figura 7 o autor questiona seu personagem Rivarola acerca da solidão, apesar de estar em uma cidade cheia de gente e o questiona se ele deseja que desenhe um amigo, obtendo uma resposta afirmativa o quadrinista atende a solicitação de seu personagem.

Por fim, as últimas duas tiras aqui apresentadas mostram a presença do autor enquanto personagem.

Figura 8: Tira de *Macanudo*



Fonte: Linieres, 2004

Na figura 8, o autor é representado como um personagem que por sua disposição no espaço inferimos estar hierarquicamente acima de personagens aqui outrora já conhecidos, os pinguins.

Nas relações entre os personagens e o autor, por vezes Liniers trata o processo de elaboração de uma tira não como um gesto que requer inspiração e criatividade, mas como um trabalho que demanda transcrever para os quadrinhos as supostas experiências vivenciadas pelos personagens, como se os mesmos tivessem lugar no mundo material e não fossem frutos de sua imaginação. A assinatura no canto inferior direito também evoca o sentido metalinguístico da tira, “por esse”. O humor da tira consiste na projeção material dos personagens e na necessidade de que os mesmos retratem suas experiências para serem transpostas para os quadrinhos, negando o elemento imaginativo como necessário para a concepção das ideias (Queiroz, 2017, p. 100).

Acerca dessa última tira De Martini (2014) afirma que ela está relacionada a capacidade lúdica do autor que inclui em seu humor o que ela qualifica como assombro, isto é,

En algunas ocasiones el asombro tiene que ver con el descubrimiento y la sorpresa, pero en otras se relaciona con el misterio y la incomprensión. Una verdadera obra de arte no genera tantas certezas

como preguntas, por eso no sorprende que en las tiras de Macanudo haya personajes mudos, situaciones absurdas y elementos aparentemente azarosos o herméticos (De Martini, 2014, p.114-115).

Figura 9: Tira de *Macanudo*



Fonte: Linieres, 2004

Na última tira – que também fecha o livro – o Liniers representado pelo personagem coelho aparece, referenciando outro autor, o Luis Buñuel, por meio de uma citação que define o mistério como principal elemento da obra de arte. Essa alusão a outros textos é também um artifício recorrente em *Macanudo* (De Martini, 2014). Acerca das relações referências a autora salienta que:

En el pasaje del hecho real a la escritura es posible que intervinieran componentes ficticios, pero persiste el núcleo de una “experiencia” cuyo significado se vuelve comunicable. La autofiguración inserta las tiras en el registro de las escrituras íntimas, y esa relación cercana entre el autor y el texto se hace extensiva al vínculo que une al autor y el texto con los lectores (De Martini, 2014, p.90).

Assim a presença dos aspectos autoficcionais dentro das tiras de Linieres evoca não tão somente uma presença narcisista da figura do autor, mas principalmente uma relação referencial com sua obra.

Cabe salientar que em Linieres esse processo de evidência e exposição do autor ocorre em uma via dupla, a primeira aqui citada é pelo processo narrativo e

a segunda é justamente pela profissionalização dessa figura do autor, tendo em vista que Liniers cria e publica diariamente para o *La Nación*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Macanudo I* constatamos a presença do autor em diversos aspectos que vão desde os procedimentos metanarrativos até a presença do autor representado por meio de personagens. Essas representações, por sua vez, tencionam o que é real e o que é ficcional dentro das tiras, uma vez que, questionam o processo de criação do autor, comunicam-se com ele, estabelecem críticas, etc.

Essa linha tênue entre real e ficcional é, segundo Ludmer, uma das características do contemporâneo, há na concepção dela uma dissolução das fronteiras que separam esses aspectos. Para Klinger, são marcas de um momento marcado pela presença e exposição do eu, que no caso de Liniers percebemos graças a sua presença representada de diversos modos em *Macanudo*.

REFERÊNCIAS

Barthes, R. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

De Martini, V.M. *Intertextualidad e intersemiosis en Macanudo (1-6) de Liniers*. Departamento de Letras: 2014. Disponível em: : <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/tesis/intertextualidad-intersemiosis-de-martini.pdf>. Acesso em 27 de Junho de 2024.

Focault, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006

Iser, W. O jogo do texto. In: Lima, L. C. (Org.). *A literatura e o leitor*. São Paulo, Paz e Terra, 1979. Leahy- Dios, C. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. Rio de Janeiro: UFF, 2000.

Klinger, D.I. *Escritas de si e escritas do outro*. Auto-ficção e etnografia na literatura latino-americana contemporânea. Tese (Doutorado em Letras). Literatura Comparada. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

Klinger, D.I. Escrita de si como performance. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.12, p. 11-30, 2008.

Liniers. *Macanudo 1*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2004

Ludmer, J. Literaturas posautónomas. *Ciberletras*, n. 17, 2010. Disponível em português em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>. Acesso: 12 mar. 2019.

Noronha, J. M. G. "Apresentação". In: *Ensaio sobre a Autoficção*. Org. Noronha, J.M.G. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014. p. 7- 20.

PZ, "La presentación de conejo de viaje", Buenos Aires, *Hablando del asunto Espacio de cultura en primera persona*, 28.05.2008.

Queiroz, J.F.S. *Espaços urbanos, lugares de (con) vivência: Olhares sobre a narrativa gráfica Macanudo*, de Liniers. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Maceió: UFAL, 2017.